

BIBLIOGRAFIA

DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO: *Os Errantes do Novo Século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo, Duas Cidades, 1ª ed., 1974. 281 p. ilustr.

Duglas Teixeira Monteiro, neste trabalho, faz o reestudo de um movimento milenarista ocorrido entre os anos de 1912 e 1916 na zona serrana de Santa Catarina, dando, porém, um grande enfoque à sociologia da religião.

O autor procura analisar o comportamento social de uma comunidade humana que, enfrentando uma crise global, recolocou dentro dos limites que lhe eram dados, os problemas fundamentais de sua existência enquanto grupo. Para isso, elaborou um universo místico.

A partir desta hipótese inicial, parte para a análise do movimento, dividindo-o em três fases principais:

A primeira fase, que ele denomina de *Pretérito*, se caracteriza por ser um período de relativo "equilíbrio". A produção está fundamentada em relações de dominação, porém, estas são asseguradas e dissimuladas por instituições religiosas e para-religiosas, que garantem assim a reprodução da ordem.

A segunda fase, a do *desencantamento*, é marcada por uma ruptura dessa ordem, ligada à crise do mandonismo local. Para analisar este momento, o Autor procura mostrar as origens do mandonismo local na região e suas bases políticas, sociais, econômicas e ideológicas e, a partir daí, dar uma visão do processo de ruptura e seus efeitos.

A origem do mandonismo local na região do Contestado está ligado à expansão da pecuária extensiva. Devido ao isolamento e à dificuldade do empreendimento, desde o início torna-se necessário ao "coronel" a formação de uma clientela, que estaria relacionada às atividades produtivas e para-militares. E a partir de então, o mundo social começa a se caracterizar pela presença de laços de interdependência entre iguais e desiguais, de um autoritarismo e chefias fundadas na possibilidade de disposição de recursos. Dentro deste esquema, fundamenta-se uma estrutura de dominação com forma patrimonialística, onde o poder do "coronel" é garantido por laços de dependência de "seus homens".

Para analisar a relação de dominação, o Autor parte da análise de Maria Sylvia de Carvalho Franco, segundo a qual, na relação entre dominantes e dominados, "se entrelaçam as duas 'faces' constitutivas da sociedade: de um lado, a área que tendia a ordenar-se conforme ligações de interesses; de outro, os setores articulados por via

de associação morais". A contradição entre esse dois elementos se evidenciaria em situações concretas, sempre em favor de ligações de interesses.

Por outro lado, o Autor coloca o *compadrio* como elemento essencial na relação de dominação, na medida em que *ameniza* e dissimula as tensões e conflitos. Através do *compadrio*, dominadores e dominados se colocam como potencialmente iguais e se reconhecem como pessoas. Em outras palavras, para garantir a continuidade do sistema, o coronel abre brechas para a rebeldia, permitindo com isto um certo nivelamento social e certa autonomia. A partir daí, cria-se todo um padrão de relacionamento pessoal.

Esta ordem, no entanto, é rompida, na medida em que se quebra o sistema de mandonismo local, aparecendo então suas contradições. Esta ruptura está ligada, de um lado, ao advento da República, que transferindo os poderes para as oligarquias reduziu a autonomia dos coronéis, e portanto, sua capacidade de manter seus mecanismos de controle e, de outro lado, a penetração de companhias de exploração florestal, construções e ferrovias que trazem consigo novas formas de dominação. Há uma quebra das associações, não se evidenciando somente as contradições do sistema. Segundo o Autor, é um "novo século" que surge.

Antes de partir, porém, para a análise do "novo século", o Autor localiza três níveis de tensões e contradições:

1º) o da violência inovadora, que marca uma ruptura da consciência niveladora e das bases da autonomia;

2º) o das relações de *compadrio*, na medida em que se considera o conjunto inter-classês como uma tentativa de se superar as ambiguidades e levar a um nivelamento dos segmentos sociais garantindo assim o equilíbrio do sistema.

3º) finalmente, o nível da relação entre catolicismo místico e catolicismo oficial, relação esta bastante ambígua, ora refletindo uma oposição total entre os dois, ora uma certa afinidade.

Como resposta a esta crise que deixa bem claro as contradições e tensões do sistema, surgem reações à ordem vigente, que se caracterizam pela formação de uma comunidade baseada em um universo místico. É a terceira fase, a que o Autor chama de *Reencantamento*.

A principal característica deste novo mundo, expressa pela Irmandade maior, é o seu fundamento místico. A "Irmandade", no Contestado, reflete um universo místico onde todos os seus elementos, mesmo aqueles aproveitados do "velho século", são reinterpretados dentro de uma visão do sagrado, de tal forma que a nova ordem estabelecida é incompatível com a ordem secular.

A partir desta perspectiva, o Autor analisa os vários elementos que compõem o universo ideológico da "Irmandade" e os seus significados dentro deste novo contexto sagrado.

Desta forma, por exemplo, a monarquia tem um caráter político, quando propõe uma nova ordem, e exprime uma inovação, na medida em que propõe uma ruptura com a política local: porém, ela só tem sentido se encarada dentro do universo sagrado, onde é vista como uma "coisa do céu". O mesmo ocorre com a lenda de Carlos Magno, ligada à busca de um nexos entre o presente intolerável e um passado encarado como um ordem justa e boa.

A organização social adquire um novo sentido, não mais baseado em diferenças econômicas, mas em uma fraternidade de base mística. Redefine-se uma heteronomia legitimada pelos poderes sobrenaturais dos chefes e pelo desempenho militar e organizatório de que eram capazes.

Valores como inocência, virgindade, pureza e impureza são reinterpretados, tendo como ponto de partida a oposição entre o sagrado e o secular.

Deus assume a condição de um Deus ocioso, cedendo lugar a entidades mais próximas do homem. Este distanciamento do Deus ocioso, por sua vez, está ligado às características próprias do catolicismo místico.

Não se deve, no entanto, encarar a Irmandade como um mundo sem tensões e conflitos. Estes estão presentes. Porém, a dinâmica criadora da ordem é dada exatamente pelos mecanismos de seleção e demarcação entre o puro e o impuro, entre o compatível e o incompatível.

Finalizando, o Autor faz uma breve análise e comenta, a partir de sua visão sobre o movimento, as teses de alguns dos principais autores que trataram o mesmo tema como: Laís Mourão Sá, Maurício Vinhas de Queiroz e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Flávia R. Borges Pereira

*

GERARDO REICHEL-DOLMATOFF: *Beyond the Milky Way. Hallucinatory Imagery of the Tukano Indians*. UCLA Latin American Center Publications. University of California, Los Angeles, 1978.

É relativamente extensa a literatura a respeito de alucinógenos, índios e simbolismo, principalmente se se leva em conta a bibliografia (*underground*, inclusive) a respeito dos índios norte-americanos. No entanto, este é, a meu ver, o primeiro livro que consegue tratar destes três temas com seriedade, precisão e fundamento, numa apresentação belíssima, tanto em termos das ilustrações que o livro fornece, quanto em termos da linguagem de que o A. se utiliza para expor suas idéias.